

## Emoção (2): Cultural ou Universal?

José Aparecido Da Silva\*

Ao longo de grande parte do século 20, predominou a concepção de que as emoções eram culturalmente determinadas. A teoria que fundamentava esta visão foi conhecida como Teoria Cultural da Emoção. De acordo com esta teoria, as emoções são comportamentos aprendidos, transmitidos culturalmente, similarmente aos idiomas. Primeiramente devemos ouvir Português antes de o podermos falar, do mesmo modo que devemos, primeiramente, ver os outros se sentirem alegres antes que possamos sentir alegria. Baseado nesta teoria, as pessoas, vivendo em diferentes culturas, experienciariam diferentes emoções.

Todavia, no início de 1960, enquanto ainda reinava esta perspectiva cultural acerca das emoções, um jovem estudioso das emoções, chamado Paul Ekman, estava determinado a encontrar evidências científicas que sustentassem fortemente esta teoria cultural. Mas, para sua grande surpresa, ele acabou obtendo achados que corroboraram exatamente uma visão oposta àquela predominante que ele mesmo acreditava em princípio. Os estudos de Paul Ekman revelaram as primeiras evidências científicas de que a teoria cultura da emoção deveria ser descartada. O que fez Paul Ekman? Sua metodologia foi simples, mas criativa. Ele viajou à uma cultura remota e pré-letrada (os Fore, uma tribo do arquipélago de Papua Nova Guiné, na Oceania) para assegurar-se de que as pessoas não tivessem visto fotografias ou filmes ocidentais e, portanto, nunca tinham aprendido emoções ocidentais. Ekman contou a elas várias histórias e, em seguida, solicitou-as para escolherem dentre três fotografias de Americanos expressando varias emoções, a foto que mais se aproximava da história. Os dados obtidos foram muito reveladores. Por exemplo, uma história que eliciava medo nos ocidentais, quando narrada para as pessoas da tribo Fore, estes apontavam para as mesmas expressões que os ocidentais conectavam às histórias. Para endossar tais dados, Ekman perguntou a algumas pessoas da tribo Fore para fazerem expressões faciais apropriadas para cada história e gravou-as. Quando Ekman retornou a São Francisco, na Califórnia, EUA, ele fez o experimento ao inverso, isto é, perguntou aos Americanos para associarem as faces dos Fore às histórias.

Obtidos os dados e os julgamentos computados, Ekman relatou seu trabalho, pela primeira vez, na Associação Americana de Antropologia, e conta-se que ele foi recebido com gritos de escárnio. A teoria cultural da emoção estava tão enraizada que quaisquer críticas eram motivos de risos e ridicularizadas. Porém, os argumentos de Ekman ganharam audiência e dados robustos. Os dados falaram mais fortemente e, atualmente, é aceito entre os estudiosos das emoções que algumas delas, pelo menos, não são aprendidas. Elas são universais e inatas. Elas são parte de nossa natureza.

Nossa herança emocional comum faz a humanidade caminhar junta, de maneira que transcende as diferenças culturais. Em todos os lugares, e ao longo de todo o tempo, seres humanos têm compartilhado o mesmo repertório emocional. Obviamente, diferentes culturas têm elaborado, e modelado com pequenas nuances, este repertório. Algumas delas exaltando diferentes emoções, outras tantas degradando algumas emoções, mas, todas, em uníssono, expressando essencialmente as mesmas emoções básicas e muitas das emoções cognitivas mais elevadas.

Universidade de Brasília, UnB-DF\*

